

Tribunal julga crime contra índio da América

O Sr Darci Ribeiro anunciou, ontem à tarde, a convocação do 4º Tribunal Bertrand Russel, que se realizará em novembro, na Holanda, a fim de examinar os crimes contra os índios nas Américas. O júri deverá ser formado pelos escritores Gabriel Garcia Marques e Eduardo Galeano, pelos antropólogos Robert Joulin (França), Bonfir Bataglia (México) e pelo Sr Darci Ribeiro.

Na conferência que fez a um público superior a 1 mil pessoas e que por isso foi levado do anfiteatro à concha acústica, o Sr Darci Ribeiro informou que a Funai está sendo desprovida de indianistas e antropólogos enquanto aumenta o número de militares trabalhando no órgão.

"PAPEL FEIO"

"Estou preocupado com o papel feio do Brasil diante da opinião pública mundial", acrescentou ele. "Retirar antropólogos e indianistas da Funai é, para os índios, como expulsar os médicos dos hospitais. A Funai não defende os seres sob sua proteção". Darci ressaltou o dever ético que os antropólogos devem ter em relação aos povos que estudam e a necessidade de se retirar a política humanista de Rondon.

O Tribunal Bertrand Russel se reuniu pela primeira vez em Londres, para examinar a questão de crimes cometidos contra o povo do Vietnã, durante a guerra.

Na segunda vez, o Tribunal examinou em Roma a tortura na América Latina. Da última vez, reuniu-se na Alemanha.

"Vou participar por um sentimento de lealdade aos índios. Eu devo estar lá. E com perplexidade. Eu tinha orgulho da imagem indianista-brasileira diante das Nações Unidas, por exemplo. Não se tinha dúvida da lealdade do tutor com a política inspirada por um General humanista, Rondon. Hoje a situação é muito diferente. A Funai acaba de dispensar 30 antropólogos e os substituiu por ex-agentes do SNI. É como colocar sargentos no lugar de médicos nos hospitais. Estão fazendo isso com a Funai."

O 4º Tribunal Bertrand Russel examinará as condições de vida, trabalho e da cultura indígena, as leis e regulamentos e todas as denúncias. As perspectivas de sobrevivência serão apresentadas à opinião pública mundial. "Vou participar com o coração pequeno, preocupado com o papel feio do Brasil diante da opinião pública mundial", concluiu o antropólogo.

A demissão de mais de 30 antropólogos e indianistas da Funai, a morte de líderes indígenas e a mentalidade acadêmica de alguns antropólogos, distantes da realidade, foram alguns dos tópicos da conferência encabeçada pelo professor Darci Ribeiro.

A postura de indiferença e descaso é uma tendência que afeta não só a Antropologia. É uma decorrência de anos de autoritarismo, quando não se podia tratar de questões sociais, à exceção dos americanos brasilianistas. Retirou-se todo conteúdo

humano e político. A temática da sobrevivência dos índios interessa menos que qualquer outra. Esta é a Antropologia que resultou daí. Mas se os índios sobreviveram à escravidão, às instituições religiosas, à Funai, eles têm que sobreviver aos antropólogos também.

Uma coletânea de livros escritos por antropólogos para os índios foi sugerida pelo Sr Darci Ribeiro, explicando que se destinaria a dar acesso ao índio à sua cultura, uma maneira dos estudos terem uma utilidade.

"O índio tem uma vida cada vez mais parecida com a do caboclo. Está cada vez mais aculturados, mas permanecem sendo índios, como o negro e o judeu. Estes livros seriam instrumentos de ajuda para reavivar a memória viva da gente que foram e de que alguma forma ainda são."

A palestra do Sr Darci Ribeiro e dos convidados durou duas horas. O Sr Carlos Moreira Neto, antropólogo do Centro de Documentação do Museu do Índio, falou a respeito da "mudez do índio", que não tem direito de representação, que é assegurada a todo cidadão brasileiro.

"A última vez que o índio falou foi durante o Brasil holandês. Desde 1650, isso não acontece. Esta mudéz é, até certo ponto, institucionalizada. Não há como eles possam se representar junto aos poderes e à sociedade nacional."

Quanto ao problema da terra, o Sr Carlos Moreira Neto afirmou que, sem ela, não há condições de sobrevivência, lembrando que a Constituição garante a posse integral e a ausência de documentação que foi destruída no incêndio do Ministério da Agricultura, em Brasília.

DENÚNCIAS

Dois antropólogos que vêm desenvolvendo seus trabalhos dentro das tribos, um deles demitido da Funai, falaram a respeito delas, das angústias e necessidades vitais para elas. Olympio Serra exemplificou a perda qualitativa do indianismo oficial com o fato de o presidente da Funai ter assumido a defesa da construção da BR-80, que iria cindir o Parque Nacional do Xingu.

"Não fica só nas prisões eventuais de índios. Estende-se à eliminação de líderes e de um franco comportamento genocida por parte do indianismo oficial."

O Sr Cláudio Romero, que trabalhou durante cinco anos na Funai, afirmou que todo antropólogo com um comportamento moral de defesa do índio tem entrada proibida na Funai e anunciou a criação da Sociedade Brasileira de Indianistas, este ano, da qual faz parte.

O Padre Antônio Iázi, do Conselho Indigenista Missionário, falou da necessidade de preservação de uma das coisas mais fortes na cultura dos índios: a religião.

O público, caloroso, se manifestou com mais denúncias expulsões de tribos, novas estradas e negligências, lidas e debatidas. O Sr José Unup, da Federação dos Centros Shuar, lembrou: "não ser solidário é ser cúmplice", sendo bastante aplaudido.

Problema indígena gera vergonha

"Mas que revolta, vergonha". O comentário comia solto entre os que assistiram à mesa-redonda O Problema Indígena no Território de Roraima, ontem, na SBPC, coordenada por Orlando Sampaio e Silva, da Associação Nacional dos Cleptistas Sociais, e tendo como participantes os Srs Edison Soares Diniz, da USP; Carlos Zacquini, da Missão Católica de Catrinari; e as Sras Jane Beltrão, antropóloga, e Cláudia Andujar, da Comissão pela Criação do Parque Yanomami.

Das 8h ao meio-dia, desfilaram depoimentos de genocídios, massacres culturais, negação da entidade indígena e mesmo a utilização do antropólogo, pela Funai, para legitimar ações antiindígenas. Denúncias que giraram inicialmente em torno da população indígena de Roraima, mas que aos poucos se ampliaram e terminaram por levar à discussão do problema nacional do índio e, em última instância, do povo brasileiro.

O território de Roraima é a última unidade da Federação na qual, até 1978 — depois os Srs Carlos Zacquini — metade da população era indígena. Sobrevivem até hoje representantes de pelo menos 10 povos: yano-

mami, waimiri-atroari, waiwai, malongong, makuxi, taureang, arekuna, ingarikó, pantomona e wapixana, num total de cerca de 30 mil índios. A população yanomami é o maior grupo étnico do continente americano que ainda vive de acordo com seus padrões culturais tradicionais. Essa situação de relativo isolamento face ao mundo não indígena deve-se, em grande parte, às dificuldades de acesso à região onde vivem.

Pesquisas de mineralogia feitas pelo Radam Brasil em 1976 constataram na serra dos Surucucus a existência de cassiterita, urânio e urânio. Na serra Couto de Magalhães encontrou-se ouro. Tanto a serra de Surucucus como a de Couto de Magalhães são segmentos da serra Parima, no Maciço das Guianas, área yanomami. No dizer local, "o minério anima e enfeitiça. Roraima falsa e fascina". Propostas de criação de um Parque Yanomami arrastam-se há 19 anos e pelo menos 12 propostas já foram apresentadas. A última, de abril deste ano, feita pela Funai com a participação da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), está misteriosamente perdida: o Ministério do Inte-

rior não se pronuncia, alegando ser competência da Funai; a Funai — informa a Sra Cláudia Andujar, da CCPY — afirma que a proposta está no âmbito federal, fora de seu alcance.

Atualmente, o território dos yanomami consiste em 21 áreas pequenas que no conjunto formam uma espécie de arquipélago yanomami. Como esta situação apresenta vários inconvenientes, com riscos de contaminação de doenças infecciosas mortais aos índios, foi feita a proposta de criação de um parque indígena, a partir de sugestões do Radam.

SER UM DELES

O Sr Carlos Zacquini, missionário que está há 15 anos na região, contrapõe a toda literatura onde predomina "a ferocidade e selvageria dos índios de Roraima", um depoimento de total admiração pela capacidade de vida comunitária, alegria de viver, espontaneidade, religiosidade, diplomacia, generosidade, elegância, senso estético. "Fui lá pensando em aprender e também ensinar muita coisa. E cada vez me convenço mais de que só tenho a aprender com os yanomami."

"Branco nos tirou terra e comida"

"Antigamente, nós tínhamos toda a terra, tínhamos a caça, tínhamos o peixe, tínhamos a fruta do mato: nós tínhamos tudo. Agora, o branco nos tirou a terra e não achamos mais comida. (...) Comemos pólvora, comemos mal e temos fome mesmo."

"Não temos mais saúde e somos estragados pela tuberculose."

"Antigamente, nós pegávamos os veados correndo. Agora, tenho vergonha de dizer, não consigo mais alcançar nem um porco. Meu pai, que é velho, corre mais do que eu."

"E nós, agora, ainda vamos indo bem. Mas, tem aldeias que são miseráveis mesmo, onde todos passam fome de verdade, e lá o branco, porque os índios não têm mais terras, sempre em cima, para explorar. Tem brancos que não permitem mais de pescar, que se reservam o veado, que se reservam tudo."

"Antigamente, o índio matava o veado pegando na corrida, e, com o fogo, queimava o lavrado. Hoje, é proibido queimar o lavrado. E o índio, como faz para procurar a comida? Até o peixe o branco pegou todo. Se tem uma poça d'água, no rio, onde tem muito peixe, o branco diz: esta é minha! E o índio, como pode continuar a viver assim? E quase todos os brancos são assim. (...)"

"Olha, quando o branco chegou na nossa terra, índio pensava que branco era do lado de Deus, índio pensava que Deus tinha vindo

visitar. De fato, branco tem tudo e índio não tem nada: branco tem arame farpado, nós não temos; branco tem livro, nós não temos; branco tem machado de ferro, nós não temos; branco tem carro, nós não temos; branco tem avião, nós não temos; (...) Mas branco veio e roubou as nossas terras: e o índio não podia mais caçar. Falou que as terras boas eram dele, falou que os peixes dos rios e dos lagos eram dele. Depois trouxe as doenças. Depois se aproveitou das nossas mulheres! E o índio se revoltou. Então o branco matou os nossos avós, matou-os, massacrados muito, e o índio fugiu tão rápido como a coisa mais rápida."

"Então, o índio entendeu que o Deus dos brancos era ruim".

"Quando o branco chegava, dizia que era bom, que queria morar perto da gente, que não tirava as terras da gente e que enquanto estivesse lá haveria carne para todos. Prometia e não dava, e tirava nossas terras. Dizia que as terras eram dele, que o veado era dele, que o peixe era dele e que era tudo dele. E o índio tinha muita fome."

"Você sabe o que é a fome? A fome não é brincadeira, sabe? Eu te digo, a fome não é brincadeira". (Depoimento de um chefe da nação makuxi, apresentado por Carlos Zacquini, da Missão Católica do Catrinari).